

## Dossiê Temático: Artes da cena atrás das grades

No período em que esse editorial foi escrito, em dezembro de 2020, recebemos com apreensão a notícia de que a Secretaria Nacional de Juventude, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, forneceu parecer favorável à aprovação de uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que visa reduzir a maioria penal no Brasil. Com a aprovação desse projeto, jovens a partir de 14 anos poderiam ir para a prisão.

Uma ação desse tipo é um movimento favorável ao discurso punitivista, militarista e armamentista que tomou conta do debate e das práticas políticas de nosso tempo, que privilegiam ações de alcance midiático rápido, porém pouco pautadas em análises científicas.

O encarceramento não reduz o crime. O encarceramento não diminui a violência. O encarceramento não promove ressocialização. Pelo contrário, à medida em que os números de pessoas presas aumentam, assiste-se ao fortalecimento do crime organizado e à ampliação da sensação de que as políticas de segurança pública produzem gastos enormes e efeitos mínimos. O discurso punitivista não encontra respaldo científico. Na verdade, o que as pesquisas demonstram é que a estrutura que une o aparato policial, o judiciário e o sistema penal compõe um dos pilares do racismo estrutural brasileiro, com efeitos alarmantes nas taxas que contribuem para os escandalosos números do genocídio da população jovem, preta e periférica, seja no quantitativo de mortes, seja nos dados de aprisionamento.

Em relação a esses dados, o conceito de “encarceramento em massa” mostra-nos o quanto a perda de liberdade como instrumento punitivo e sua

ausência de resultados é um processo naturalizado em nossa sociedade e que, portanto, carece de crítica, debate e reflexão. Essas discussões ocorrem em campos distintos como o Direito, a Sociologia, a Segurança Pública e, à medida em que projetos artísticos passam a atuar nesse território complexo, surge também a contribuição da Arte para essa arena de ideias.

No Dossiê Artes da Cena atrás das grades estão reunidas reflexões produzidas a partir de práticas artísticas e pedagógicas realizadas em parceria com jovens cumprindo medida socioeducativa ou com pessoas em situação de cárcere. Esses textos carregam, para além do registro analítico das práticas descritas e estudadas, a importância de mostrar o impacto da atuação das Universidades Públicas brasileiras no contexto prisional. Seja por meio de ações extensionistas, seja por meio de práticas de estágio de docência ou por atividades de pesquisa, a Universidade é uma das poucas instituições que adentra presídios ou centros de cumprimento de medidas socioeducativas.

Neste contexto, esta edição bilíngue coloca artistas e pesquisadoras de teatro de diversas regiões do Brasil em um diálogo significativo com artistas e pesquisadoras do Equador, Estados Unidos e Nova Zelândia. O formato online da revista também a torna acessível em todo o mundo, para quem tem acesso à internet. Isso pode parecer irônico, visto que estamos escrevendo sobre e com pessoas que estão confinadas em espaços prisionais.

Os textos aqui reunidos procuram dar conta da diversidade de contextos e práticas possíveis que surgem quando arte-educadoras, artistas da cena e pessoas em privação de liberdade se posicionam diante desse panorama. Este dossiê contempla, em seus artigos e relatos, abordagens históricas sobre as artes cênicas no contexto prisional; reflexões sobre cidadania, legislação e arte; processos pedagógicos e práticas artísticas atrás das grades; decolonialidade e abolicionismo penal; relações de gênero; formação discente; além do olhar para a ausência das artes cênicas em alguns contextos de privação de liberdade e suas implicações. Destacam-se ainda as escritas performativas de alguns textos, muitas em formato epistolar, refletindo o principal meio de comunicação entre as pessoas em privação de liberdade e as pessoas do lado de fora das prisões: as cartas. Também

compõem este dossiê três textos dramaturgícos, uma entrevista, uma mesa de debates e um ensaio fotográfico do espetáculo “Estendemos nossas memórias ao sol”, cujas atrizes cumpriam pena em unidade penal de Santa Catarina e cujo texto está publicado aqui.

Este dossiê inclui equipes de pessoas atualmente presas escrevendo com pessoas externas à prisão. Nós, editoras e editor desta edição, defendemos a inclusão dessas vozes na revista, ao lado de artistas e pesquisadores e pesquisadoras das universidades. Essa abordagem nos permite oferecer uma imagem mais completa e significativa do que as artes cênicas nas prisões significam para as pessoas que atuam nesses espaços difíceis e para aquelas que assistem aos resultados desses processos.

Também permite que as pessoas que vivem em confinamento compartilhem seus pensamentos com um público amplo. Talvez mais significativamente, seus escritos estão perfeitamente integrados aos de estudiosas e estudiosos credenciados. Nós três, editoras e editor deste dossiê temático, fazemos teatro em colaboração com pessoas presas, e a possibilidade de podermos honrar autores e autoras encarceradas como artistas e pesquisadoras que são é um ato de reconhecimento - valorizar as pessoas que vivem em prisões como produtoras legítimas de saberes na área acadêmica, na qual fizemos nossas carreiras como docentes universitários.

Sonhamos com um mundo onde suas vozes sejam levadas tão a sério quanto as nossas em espaços privilegiados. Este dossiê é um pequeno passo em direção a esse mundo, no qual esperamos poder viver um dia.

Ashley Lucas  
Daiane Dordete  
Vicente Concílio

*Editores do Dossiê Temático*